

O PAPEL DA VOZ NOS DIÁLOGOS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Betânia Ferreira de Araújo ¹
Luiz Carlos Ferreira de Araújo ²

Resumo

Alice utiliza-se da linguagem para trazer a angústia que a mudança do seu corpo estava lhe proporcionando, observamos como é possível que a linguagem tenha efeitos sobre o corpo, verificamos que aquilo que escapa à língua é transferido ao corpo. Tendo a língua como forma de interação social e fazendo o uso da mesma, como prática sociocognitiva, identificando, significando e articulando conhecimentos simbólicos, a obra foi escolhida para desenvolver essa proposta por ser um texto narrativo ficcional. Buscamos analisar a imagem do corpo revelada no recorte do diálogo entre Alice com a Lagarta no texto de Alice no País das Maravilhas. O estudo das obras literárias infantis desde muito tempo foi transpondo para além de uma narrativa para criança, e hoje ultrapassa os limites da análise estrutural do texto e se amplia para áreas além da literatura adentrando em outras vertentes como no caso dessa proposta da linguagem e a da psicanálise. A imagem do corpo é uma imagem que se modela no diálogo analítico da criança, não sendo apenas da ordem do imaginário, mas também do simbólico, as associações realizadas são as chaves da decodificação afetivo, social, sendo ligada ao sujeito e à sua história.

Palavras-chave: Alice no País das Maravilhas, Literatura, Linguagem, Psicanálise, Corpo.

¹ Mestre pelo Curso de Lingüística e Ensino da Universidade Federal- PB, betaniaraujo10@gmail.com;

² Mestre pelo Curso de Ciência da Educação da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - Paraguai, lcfa22@hotmail.com;



Justificativa

O texto busca refletir, por meio de uma análise psicanalítica da personagem Alice em Alice no País das Maravilhas, como a construção do sujeito, sua identidade e sua imagem corporal se dão através de um processo simbólico, inconsciente e discursivo. A partir das contribuições teóricas de Freud, Lacan, Dolto, Foucault e outros, o texto propõe que a experiência subjetiva e o amadurecimento de Alice sejam metáforas dos processos internos que envolvem a constituição do "eu" e da imagem do corpo. A justificativa subjacente é mostrar como a literatura, quando atravessada por uma leitura psicanalítica, pode ser uma rica ferramenta de compreensão da psique humana — especialmente na infância, onde a identidade ainda está em processo de formação.

O trabalho tem como objetivos analisar a construção da identidade de Alice por meio da imagem do corpo e do voz (discurso), sob a perspectiva da linguagem e psicanálise. Explorar os significados simbólicos da linguagem e das transformações corporais como expressão dos processos inconscientes de subjetivação. Relacionar a literatura infantil à questões emocionais, mostrando como as narrativas refletem conflitos psíquicos e fases do desenvolvimento.

Metodologia

A metodologia adotada para este estudo foi a pesquisa bibliográfica, com base na análise de obras teóricas e literárias. Essa escolha se justifica pela natureza interpretativa do trabalho, que busca compreender os sentidos simbólicos e subjetivos a partir de textos já publicados. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos. Esse tipo de pesquisa permite uma revisão crítica de conceitos fundamentais, como os de imagem do corpo, formação do sujeito e linguagem, conforme propostos por autores como Freud, Dolto, Lacan e Foucault.

Lakatos e Marconi (2003) afirmam que, a pesquisa bibliográfica proporciona a análise de diferentes posicionamentos teóricos sobre um mesmo fenômeno, permitindo ao pesquisador o aprofundamento de suas reflexões. Isso é especialmente relevante ao



tratar de temas como o corpo simbólico e a constituição da identidade, que envolvem múltiplas leituras e interpretações.

Dessa forma, a metodologia bibliográfica não apenas fundamenta teoricamente a discussão, como também amplia o campo de análise ao integrar saberes de diferentes áreas – literatura, psicanálise, filosofia e ciências humanas. Como afirma Severino (2007), a leitura, enquanto processo ativo e crítico, é fundamental para a construção do conhecimento científico. Assim, a pesquisa se desenvolve a partir da articulação entre textos e sentidos, sustentando a proposta de compreender os aspectos inconscientes presentes na narrativa de Alice no País das Maravilhas.

A construção discursiva de Alice

O esquema de um corpo segundo Dolto, é o mesmo princípio para todos os indivíduos da espécie humana, a imagem de um corpo é a síntese de nossas experiências emocionais, podendo também ser considerada a encarnação simbólica inconsciente do sujeito antes mesmo que o próprio sujeito possa nomear-se pelo pronome pessoal Eu.

O grande enigma de Alice durante o livro todo é: “Quem sou eu?” É essa questão fica muito clara em seu diálogo com a lagarta, o conceito de metamorfose, Alice é uma constante metamorfose. A transformação da lagarta em borboleta é o momento crucial da obra, pois é neste instante que Alice também se transforma e passa a ter autonomia neste mundo, a decidir quando quer crescer ou diminuir.

É graças à nossa imagem do corpo sustentada por – e que se cruza com – nosso esquema corporal que podemos entrar em comunicação com outrem. (DOLTO, 2017, p. 15)

Nos diálogos dos personagens Alice e a Lagarta na obra literária Alice no País das Maravilhas. A personagem principal se empenha em não ser convencional para contar sua estória, e se utiliza de um jogo de significados baseado na linguagem.

"A discrepância entre a intenção do enunciador e a compreensão do enunciatário está ligada à ambiguidade das palavras, que nunca possuem valor único" (SANTOS, 2010, p.1).



Alice se empenha em não ser convencional para contar sua estória, e se utiliza de um jogo de significados baseado na linguagem. Desta forma o efeito do discurso que só comparece na escrita, podemos pensar no estudo literário de Alice no País das Maravilhas talvez como o sentido que lacaniano como o psicanalista relata:

"Pois esses dons já são símbolos, na medida em que símbolo quer dizer pacto e em que, antes de mais nada, eles são significantes do pacto que constituem como significado: como bem se vê no fato de que os objetos da troca simbólica — vasos feitos para ficar vazios, escudos pesados demais para carregar, feixes que se ressecarão, lanças enterradas no solo — são desprovidos de uso por destinação, senão supérfluos por sua abundância." (LACAN, 1999, p. 273)

A seleção de palavras e de outros institutos linguísticos se aplica através do modelo psicanalítico da personagem, transmitindo importantes mensagens ao consciente, vindas do inconsciente. Ao lidar com problemas universais enfrentados por todas as crianças enquanto alivia pressões pré-conscientes e inconscientes.

O diálogo entre a lagarta e Alice começa onde a personagem principal realmente se encontra em seu estágio psicológico e emocional, sem desestimar suas lutas interiores que o crescimento implica, sendo parte intrínseca da existência humana, partindo onde a criança realmente se encontra, na ambiguidade de tamanhos esperando estabelecer uma saída para seus problemas, enfrentando as dificuldades e ansiedades que por muitas vezes no seu diálogo não conseguia expressar esses sentimentos em palavras acerca da mudança de tamanho constante.

A Lagarta e Alice olharam-se uma para outra por algum tempo em silêncio: por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca, e dirigiu-se à menina com uma voz lânguida, sonolenta.

"Quem é você?", perguntou a Lagarta.

Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: "Eu - eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento - pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então.



"O que você quer dizer com isso?", perguntou a Lagarta severamente. "Explique-se!"

"Eu não posso explicar-me, eu receio, Senhora", respondeu Alice, "porque eu não sou eu mesma, vê?"

"Eu não vejo", retomou a Lagarta.

"Eu receio que não posso colocar isso mais claramente", Alice replicou bem polidamente, "porque eu mesma não consigo entender, para começo de conversa, e ter tantos tamanhos diferentes em um dia é muito confuso."

"Não é", discordou a Lagarta.

"Bem, talvez você não ache isso ainda", Alice afirmou, "mas quando você transformar-se em uma crisálida - você irá algum dia, sabe - e então depois disso em uma borboleta, eu acredito que você irá sentir-se um pouco estranha, não irá?"

"Nem um pouco", disse a Lagarta.

"Bem, talvez seus sentimentos possam ser diferentes", finalizou Alice, "tudo o que eu sei é: é muito estranho para mim."

"Você!", disse a Lagarta desdenhosamente. "Quem é você?" O que as trouxe novamente para o início da conversação. (CAROLL, 2009).

Percebe-se no diálogo que Alice tem dificuldade em se identificada quando o tamanho do próprio corpo e o tamanho dos objetos ao seu redor são percebidos de forma errada, sentindo que não pertence ao próprio corpo, pense que não está vivendo aquele exato momento e apresente uma falta de memórias e pensamentos, como explica Marques (2012).

Através das metáforas e da interpretação que os leitores delas fazem entendemos como eles compreendem o mundo e os conceitos que defendem. A metáfora evoluiu como um mediador entre a mente e o mundo. Ela é como um símbolo, uma forma de ver o mundo. O ser humano não apenas descobre analogias, mas nas metáforas ele combina essas analogias com outras, de forma a elaborar metáforas criativas, aumentando seu o conhecimento. (MARQUES, 2012).

Segundo Bettelheim, (2009) tratando sobre contos de fadas esclarece que o mesmo, oferece tantos níveis distintos de significados e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições dadas por esses contos à vida da criança. No caso do diálogo entre esses



personagens percebemos que Alice após tantas mudanças de tamanhos tem dificuldade de perceber-se quanto a quem ela realmente é. A lagarta procura através de questionamentos levando-a à se analisar-se e fazendo-a encontrar suas próprias respostas.

Imagem do Corpo

“Então você acha que mudou, não é?” Foi a pergunta feita pela lagarta à Alice. A resposta para alguns poderia parecer simplória, porém para uma pessoa que havia mudado tanto de tamanho em pouco tempo era de se questionar quais as percepções dessas mudanças em seu corpo e mente. Mesmo não entendendo o que ocorria Alice não esconde o seu desejo de crescer, porém o medo da não identificação com esse corpo à assusta.

A brincadeira infantil foi dirigida por desejos, na verdade por um desejo, aquele que ajuda a educar a criança: o de se tornar grande e adulta. As crianças sempre brincam de “ser grande”, imitando na brincadeira o que se torna conhecido delas, na vida dos grandes. Elas não têm motivo para esconder o esse desejo. (FREUD,2010)

Entende-se dessa forma que Freud considera que ao contrário do adulto que se envergonha de suas fantasias e se fecha no sistema psíquico, escondendo dos outros, a criança ao distinguir seu mundo da fantasia da realidade, empresta todo o seu prazer aos objetos imaginários e relaciona-os a vida real. Sendo assim mesmo sendo um sonho o prazer embutido no desejo do crescimento que leva Alice a procurar memórias sociais como poema que recitava na escola “Você está velho, Pai Willian”, onde narra a história em forma de poesia de um velho que fala da sua juventude, mostrando claro a noção do tempo cronológico e social.

Ainda tratando de corpo lembramos de Foucault, que nos comunica quando em qualquer coletividade, está preso na malha do poder que impõe ao próprio corpo certas limitações, defesas e comprometimentos. Como por exemplo o ambiente escolar, sendo o local onde se toma por controle o corpo e o punir. Desse modo, pensar a cultura e os



processos de subjetivação a partir do corpo é inseri-lo em sua malha cultural, já que ele é construído pela cultura e pela linguagem. É em torno desse discurso sobre as vidas que Foucault assinala o que são vidas indígnas:

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis aqui juntar alguns restos. (FOUCAULT, 2006, p. 210)

O corpo, em todas as suas esferas, dramatiza visões de mundo, encena o caos e o cosmo. “A dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários” (GUATTARI, 1992, p.153). Tendo todo corpo é uma viagem, é um delírio, pois é capaz de nos arrastar para fora dos sulcos costumeiros da vida, o corpo emite uma multiplicidade de signos. Para ressaltar a noção do corpo citamos Leenhardt a fim de explicar os três aspectos cruciais da noção de corpo em nossa própria cosmologia:

- 1º) o corpo tem uma existência própria, é algo físico ou objetivo e, por isso, independente das relações que mantém com outros corpos;
- 2º) quem diz pessoa diz humanidade: só os humanos são pessoas;
- 3º) o corpo humano é tanto um princípio de individuação quanto um princípio de subjetivação;

Ela finalmente se liberta do domínio sociomítico onde estava aprisionada. O corpo deixa de ser a velha vestimenta social que asfixiava a pessoa. A personagem não tem mais papel e desvanece. A pessoa está circunscrita no próprio homem. O eu psicológico que vimos errar, longe do corpo, por toda parte está finalmente fixado: eu tenho um corpo. (LEENHARDT, 1947, p.263)

Desta forma como comenta Dolto, a imagem do corpo, antes do Édipo, pode profetar-se em toda representação, seja ela qual for, e não só nas representações humanas, pois todas as representações estão ligadas simbolicamente as emoções que marcam a pessoa ao longo de sua história, formando relações intrapsíquica onde ultrapassa as questões do corpo.



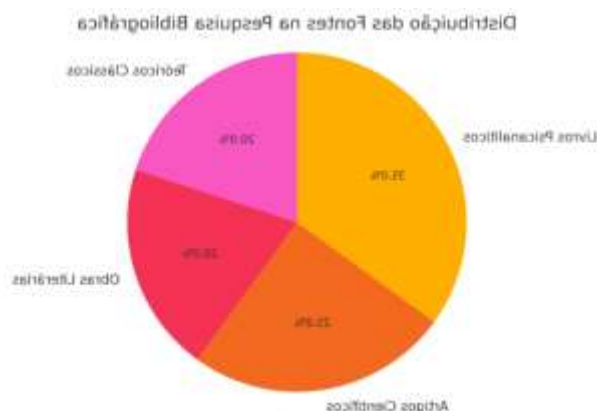
A fragilidade da vida e a finitude do corpo, tão bem expostas por Freud (1930) em seu artigo “O mal-estar na civilização”, demonstram o quanto o homem se inquieta frente às questões corporais. Pela complexidade inerente ao corpo, vários foram aqueles que tentaram defini-lo, buscando respostas para as perguntas que o corpo suscita, talvez na tentativa de aplacar suas próprias inquietações, parece estar cooptando em Alice e seu corpo como paradigma ideal.

A cultura na qual o sujeito irá consolidar seus ideais encontra-se profundamente marcada pelo hedonismo, mergulhando em um campo simbólico que faz de seu corpo o próprio ideal.

Resultados da Pesquisa

A pesquisa bibliográfica realizada destacou a importância da interseção entre literatura, psicanálise e construção simbólica do corpo, com foco na análise da obra Alice no País das Maravilhas. A escolha metodológica baseou-se na concepção de que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2010, p. 44), possibilitando uma análise crítica fundamentada em teorias consolidadas.

Dentre os materiais consultados, 35% foram obras psicanalíticas clássicas de autores como Freud, Dolto e Lacan. Os artigos científicos representaram 25% das fontes, sendo relevantes para a atualização da discussão teórica. As obras literárias, como a de Lewis Carroll, corresponderam a 20%, enquanto os teóricos da linguagem e da filosofia (como Foucault e Guattari) completaram os 20% restantes.



Essa combinação permitiu uma leitura interdisciplinar da personagem Alice, enfatizando o modo como a linguagem, o corpo e o desejo são mediados simbolicamente desde a infância. O corpo foi analisado como construção simbólica, “uma síntese das experiências emocionais” (DOLTO, 2017), e o discurso de Alice, como metáfora do desenvolvimento subjetivo e psíquico da criança.

Considerações Finais

Como vimos a imagem das mudanças sofridas no corpo descrita por Alice em sua narrativa com a lagarta não é um olhar infantil atravessado pela experiência de um adulto. É um diálogo repleto de questionamentos, em suas alternâncias de tamanhos há o incomodo de temer o desconhecido A incerteza de Alice nos faz pensar a nosso respeito, enquanto adultos quem somos hoje? Será que sabemos bem quem éramos? Nós sabemos quem fomos, essa é a certeza que temos, mas quem somos hoje é pura incerteza e o que seremos amanhã é ainda mais incerto. Sabemos que ler Alice no País das Maravilhas é entender-se um pouco mais. Passado, presente e futuro se entrelaçam.

No conselho da Lagarta observamos que visava que esta modificasse o ritmo da sua atenção não só perante o mundo como da própria vida.

Afinal, apesar de atravessarmos os dispositivos e pela vigilância dos observadores, os corpos sentem de maneiras diferentes e possuem imagens internas reconhecíveis socialmente, mas pessoais na medida em que a experiência de cada corpo é singular e intransferível.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Tradução Clélia Regina Ramos. Arara Azul: São Paulo 2002.

COELHO, N.N. **A literatura infantil: história, teoria e análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. 2º Ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2017.



FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010,

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUATTARI, FELIX. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

LEENHARDT, Maurice: 1947. Do Kamo. **La personne et le mythe dans le monde mélanésien**. Paris: Gallimard, 1947.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão** – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Rosa Maria Moreira. **Leitura / Interpretação e uso de linguagem metafórica em alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico: comparação e metáfora**. Bragança: Escola Superior de Educação. Dissertação de Mestrado em Ensino da Leitura e da Escrita.

LACAN, J. (1999). **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Seminário original realizado em 1957-1958).

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. Tradução Francisco Degani. São Paulo: Nova Alexandria, 2019.

SANTOS, Vinicius. **O valor semântico de Alice no País das Maravilhas**. Editora Escala LTDA, 2010.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIGMUND, Freud. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução Ernani Chaves. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

